

ELE ESTÁ DE VOLTA. ELE QUEM?

Resenha do filme Ele está de Volta (Er ist wieder da, 2015)

Leon Dalaedovick¹

Num de seus livros “O Futuro da democracia”, Norberto Bobbio fala das “promessas não cumpridas” pela democracia, entendida como regime de governo assentado no respeito à liberdade de expressão, participação ativa dos cidadãos na tomada de decisões coletivas através da representação política, e o respeito às “regras do jogo” democrático para a alternância no poder. Dentre as seis “promessas não cumpridas” indicadas por Bobbio eu gostaria de destacar a “sobrevivência do poder invisível” e “o cidadão não-educado ou (mal-educado)” como pano de fundo em minha compreensão do filme “Ele está de volta”.

Para os propósitos desse trabalho, as perguntas que faço a partir da tessitura do filme é: Quem é esse “ele” que voltou? E voltou de onde? Do Além, como de início sugere a câmera em movimentos plongé, mostrando primeiramente o Céu e as nuvens, e depois, no contra-plongé, de baixo para cima, vai fechando o ângulo até focalizar um Hitler caricato, fora do tempo, aturdido, sem saber do como e do porquê viera parar ali? E se esse “ele” que o filme quer mostrar não for Adolph Hitler fora do tempo, mas o “espírito do tempo”, daquele tempo que vai dos anos 1914 a 1945, expresso num sistema de ideias, de representações coletivas da maneira de exprimir o mundo que não estava completamente desaparecido no imaginário coletivo, porém permanecia adormecido nas brumas do inconsciente de cidadãos politicamente mal-educados e que, por circunstâncias políticas e sociais de não integração, de falta de educação para a participação dos cidadãos na vida pública, enfim, por ausência daquelas “promessas não cumpridas” da democracia representativa, despertou em partes da população o desejo da volta de um líder político ousado como Hitler, que desafia as convenções das normas

¹ Estudante do bacharelado de Ciências do Trabalho da Faculdade Dieese.

sociais do “politicamente correto”, que supostamente se identifica com o “seu” povo, que lhe ouve e que também sente as mesmas dores provocadas pelo sentimento de abandono de um sistema de governo e de poder que dizem ser “representativos”?

São tantas as perguntas e tantas podem ser as respostas que o filme deixa em aberto e à escolha do telespectador, que nos limites desse trabalho seria impossível discorrer.

Mas o fato é que o “espírito do tempo” está de volta e ele precisa urgentemente de um exército, de gente disposta a seguir as ordens e destruir o inimigo, a classe política e essa “falsa democracia que está aí”; precisa de um general fiel escudeiro (Sawatski) para se pôr em movimento e arregimentar os batalhões de seguidores por toda a Alemanha. E Sawatski, homem de televisão, desempregado e a procura de uma oportunidade de reemprego, é o primeiro a ser fígado pelo “espírito do tempo” que está de volta e bem articulado – como veremos no final do filme, quando os créditos são exibidos e a modos de documentário as imagens de manifestações nazistas pipocam por toda a Europa.

Nesse sentido, observamos no filme a série de entrevistas e “conversas de pé de orelha” que o Führer ator desenvolve com trabalhadores e o povo, a arraia miúda e os “cidadãos de bem”, por todo o país, desde garçonetes e “bons vivants” em bares e restaurantes aos economistas de bancos; desde donas de casas e jornalistas até diretores de televisão: jovens youtubers, idosos aposentados e trabalhadores na ativa, ninguém escapa da propaganda político-partidária indireta, que fez do Führer reencenando um espírito reencarnado em movimentos autoritários de massa, na Alemanha e na vizinhança europeia. “Um bom material a ser trabalhado” – disse ele. No filme, e também no filme-documentário dentro do filme, o saudosismo da perversidade que se manifesta nas pessoas de todas as classes não vem em forma de seriedade e de discursos longos e cansativos, antes se apresenta como comicidade, entretenimento. E os envolvidos nessa teia propagandística, em defesa de seus interesses egoísticos e imediatos, Bellini, Sawatski, Sensenbrink (os novos Goebbels), pessoas de televisão e agentes desse

“poder invisível” que subverte as formas de representação institucional dos cidadãos na democracia, põem em movimento as ideias autoritárias do “espírito do tempo” que, em um passado recente, levou toda a Alemanha a sofrer as consequências nefastas de duas grandes guerras mundiais, nas quais o custo humano e econômico ultrapassa a casa dos milhares. Os agentes do “poder invisível” parecem não se lembrar, ou não se importam mesmo, que, justamente por conta de que não levaram a sério os discursos aparentemente banais como os de Goebbels (o mestre da propaganda nazista que recomendava aos cidadãos a abstenção da discussão política “estéril e antipática” e se dedicassem a assistir à Alice no País das Maravilhas), as frases prontas e as piadas grotescas com os considerados “impuros”, os clichês, as máximas de verdade absoluta de superioridade da força bruta sobre o pensamento intelectual e a reflexão, parte da classe intelectual alemã aderiu acriticamente à propaganda nazista antidemocrática e desumana. Heidegger que o diga!

Tanto naquelas décadas de terror, como na volta “d’ele”, em 2014, os alemães – e não só - relativizam as falas, as promessas de “campanha” (campanha é o que o “espírito do tempo” faz o tempo todo ao negar a classe política e os políticos, mas sem deixar transparecer que está fazendo política e enredando as pessoas numa teia de dúvidas e incertezas para as quais a solução não é pensar, mas agir emotivamente), e ressuscitam, pouco a pouco, às ideias de que o único caminho possível para o povo alemão – e para o europeu – atingir o Nirvana é uma “democracia” assentada no fortalecimento da identidade nacional, na eliminação dos empecilhos que impedem os excluídos (os cidadãos mal-educados) da democracia representativa desfrutar da “verdadeira” democracia, na exclusão do “outro”, do estrangeiro de “baixo QI”, que está fora de seu “grupo de origem” e vem prejudicar os alemães. Nesse sentido, o “espírito do tempo” está completamente revigorado.

E nas suas andanças e conversas amigáveis na Alemanha de 2014, o “espírito do tempo”, com vocabulário adaptado às novas tendências, mas que esconde os mesmos vícios e preconceitos do passado, ouve as queixas, concorda, sugestiona, toma nota, diz que vai tomar providências e arremata

“posso contar com você”? E todos assentem (como a moça do trailer que nem vota e nem acredita na democracia, e mesmo assim põe em dúvida a computação de seu voto na Alemanha de hoje, mas não na ex-Alemanha Oriental de partido único e vigilância constante da Stasi, a polícia secreta do dito “socialismo real” no qual ela vivia antes da unificação. E ela, diante de quem lhe ouve e dá atenção, muda automaticamente o rumo da conversa para reclamar das estripulias dos filhos de vizinhos estrangeiros, de cujos país ela “tem medo” de ser esfaqueada. Não são crianças como quaisquer outras, são “filhos de estrangeiros”!), abraçam-no, tiram selfies, sentem que também podem contar com ele, porque ele é um deles, pensa como eles. E isso só é possível porque as ideias do Führer estão neles mesmos, é o “espírito do tempo” que está de volta e que se manifesta por ideias em perguntas curtas e respostas simples, irrefletidas, e não um ator caracterizado, como pensam todos os que estão a sua volta, dando-lhe suporte midiático e notoriedade na representação. E poucos foram os que se sentiram ultrajados com a aparição do “espírito do tempo” fantasiado de Adolph Hitler nas ruas e nas praças públicas, nas poses para selfies, nas feitura de retratos, nos comentários ingênuos dos youtubers e no total analfabetismo político e histórico de jovens e adolescentes (como aquele jovem que disse que “olhando bem, o nazismo só pregava a pena de morte para pedófilos” - no que o Führer concorda prontamente). E somente a cadeirante, a senhora Krömeier, reconheceu de imediato naquela figura caricata do ator dentro do ator não uma representação artística, não uma mera brincadeira, macabra por certo, sem maiores consequências. Ela, memória viva da história e de toda a sorte de desgraças que se abatera sobre ela e sua família e amigos, literalmente se levantou quando reconheceu na voz educada, nos gestos elegantes, no discurso de frases prontas que estava diante não de um homem comum, banal (como Hannah Arendt vai identificar Eichmann em Jerusalém), no papel de ator, mas era o “espírito do tempo”, aquelas ideias que negam a humanidade do “outro” que voltavam das trevas do passado para atormentar o presente.

Essas ideias políticas da exclusão do “outro” e da “banalidade do mal”, para usar um termo de Hannah Arendt, não morrem sem que antes os

cidadãos sejam educados politicamente, e sem que o “poder invisível” seja exposto à luz do dia e aos olhos de cidadãos ativos e participantes na vida pública. E essa tarefa não se leva à cabo em poucas décadas e no espaço de duas ou três gerações. É tarefa para toda a vida. E como a política é apenas vista a partir do imediato da representação dos interesses econômicos pelo sistema de partidos políticos, ocorre que os cidadãos na sua grande maioria não se sentem representados pela classe política, mais interessada em ganhos pessoais e na sua longevidade nos parlamentos do que interessada em promover a educação política substantiva que leva em consideração que a vida na Polis é mais rica e dinâmica quando todos participam ativamente nas outras esferas do mundo da vida e no convívio civilizado com as diferenças étnicas, culturais, religiosas... E como essas ideias imediatistas da política como representação dos interesses econômicos açambarcou as outras esferas da vida social, os cidadãos se sentem ameaçados na sua integridade física e no seu “modo de ser” nacional quando os níveis de emprego e de renda de “sua sociedade moderna e culturalmente superior” declinam até o ponto de os equipararem ao “outro” que veio de “sociedades atrasadas e culturalmente inferiores”. E como os cidadãos são politicamente mal-educados para a vida coletiva, eles têm sempre em mente a necessidade de dar um basta, de pôr um ponto final num estado de coisas que eles julgam responsáveis pelo seu “declínio” de “raça superior e mais inteligente” que merecem, por isso mesmo, “mais respeito de seus representantes”. Exigem, pois, uma “solução final!” E essa “solução final” só pode se escorar na emergência de um poder superior à própria classe política que “subverteu” a representação democrática dos interesses de todos em prol da representação de si mesmos e dos interesses do “outro”, do imigrante e dos desvalidos, incapazes de transformar a sua vida pessoal pelo “esforço próprio”. Essa democracia “que está aí” não é a “verdadeira democracia” que queremos, queremos uma democracia que põe cada um no seu devido lugar. É o que dizem os pedantes. Essas ideias, uma vez postas em movimento prático, não morrem com discursos proferidos da tribuna parlamentar e estão sempre aí, na penumbra, e não na escuridão total. E basta uma centelha de luz, um pequeno ponto na escuridão, uma pequena aparição pública na televisão (meio excelente para a divulgação de ideologias,

e que o “espírito do tempo” não deixa de observar e de se apropriar) de alguém que possa lhes pôr em movimento para que essas ideias floresçam, se revigorem e suscitem o saudosismo macabro de ideias e de normas de conduta pública terrivelmente assustadoras. E essa é outra das características do filme, mostrar como o “espírito do tempo”, daquele tempo de crueldade e de terror, que pensávamos ter sido exorcizado do imaginário coletivo pela democracia representativa e pela coerção das normas explícitas cristalizadas na Constituição, pacto social por excelência, pode ser ressuscitado através do pitoresco, do gracejo aparentemente inconsequente provocado pelo grotesco dos clichês socioculturais e das piadas xenófobas, e suscitar o relativismo do socialmente aceitável pelas normas sociais da conduta civilizada e do desrespeito ao “outro”, racial e sociocultural diferente, mas igual em humanidade.

Na televisão e nas redes sociais tudo se torna possível e sem limites e o Fûrer caricato tem o seu espaço e sua equipe disponibilizados pelo “poder invisível” que age nos bastidores da democracia representativa. O dono da TV, esse “poder invisível” que manipula a favor dos interesses dos agentes econômicos que estão no topo da pirâmide, não assume nenhuma responsabilidade, apenas nomeia seus representantes que possam lhe trazer os resultados lucrativos da audiência. Esse “poder invisível” dos “donos do poder” que a todos manipula fica em casa, nos condomínios fechados e bem guardados, nos escritórios acarpetados e com ar-condicionado, assistindo ao show de horrores de cidadãos desnorteados e politicamente analfabetos, pouco afeitos à reflexão. E riem, como riem os “donos do poder” das barbaridades que eles mesmos patrocinam quando se sabe que a vida dos “outros”, do imigrante, do judeu, do muçulmano, do negro...é vilipendiada, vituperada, descartada como coisa sem valor. E se as coisas “vão mal” e merecem reprimendas isso somente acontece quando um bem considerado de caráter superior e elevado é atingido e afeta sobremaneira as consciências dos cidadãos, no caso as consciências tipicamente alemãs, como no momento em que todos veem o “espírito do tempo” assassinar um cachorro alemão. Aí sim, a diretora foi longe demais e deve ser substituída por quem pode ser mais

capaz de evitar o drama maior: a perda da audiência causada pela comoção pública pela morte do cachorrinho. E que o novo diretor do espetáculo não decepcione, pois têm outros na fila de espera para substituí-lo também! “...As pessoas perdoam uma coisa ou outra” – diz o dono da TV à diretora Bellini – “agora, matar o cachorro?! Isso o povo alemão não vai perdoar! Eu e minha mulher passamos mal”.

Essa “uma coisa ou outra” que o povo alemão perdoa e aceita de bom grado, nada mais é do que a negação da humanidade do “outro”, sociocultural e politicamente diferente. O humano aqui é reduzido a um nível mais baixo do que o da animalidade do ser. Se para o cachorro assassinado em 2014 há a manifestação absoluta do sentimento de piedade e a denúncia da violência escancarada, para o ser humano morto e vilipendiado no passado recente resta o escárnio e o abuso moral no presente.

Porém, se por sua gratuidade violenta contra o cachorro alemão o “espírito do tempo” perde momentaneamente o seu espaço na TV, ainda lhe resta a literatura e o cinema para lhe dar voz e aparição públicas. E Sensenbrink, diante da queda de audiência e fracasso econômico, e para não decepcionar, vai atrás de seu Führer, único capaz de garantir-lhe o emprego e audiência pública para os lucros do empresário da TV.

Nesse sentido, Bellini e Sensenbrink, diretores, e os apresentadores dos programas não são somente “peças da grande engrenagem” que é esse “espírito do tempo” que agora está de volta e que se move de maneira autônoma. Todos são generais e soldados dessa nova era de sucesso sob a liderança do “espírito do tempo”, e sabem o que fazem e o porquê o fazem. Há intencionalidade e racionalidade em suas ações, não existe conflito entre o que o Führer diz e o que eles pensam. Conscientemente utilizam os meios ao seu dispor (os meios midiáticos para a exploração econômica da imagem materializada do “espírito do tempo”) e objetivam fins específicos (audiência e auferição de lucros e distribuição de dividendos para uns e criação de um objeto de representação mistificada para outros) para o domínio intelectual quando a esfera econômica suplanta todas as outras esferas da vida social. A moral e a ética são relativizadas com total maestria que mesmo as vozes

dissonantes dos que operam nos bastidores – os criadores do stand-up, os diretores e empregados da administração da TV, a estratégia antiética elaborada por Sensenbrink para tomar o lugar de Bellini na direção da empresa, enfim, todos os que querem ganhar e/ou garantir seus empregos não veem “nada de mais” em ultrapassar os limites. “Se me disserem que tem um limite eu os desafiarei a extrapolar esse limite” – diz Sensenbrink aos criadores nos bastidores do programa. É interessante observar que mesmo o invejoso e medíocre Sensenbrink que queria se livrar do Führer para prejudicar Bellini, se curva às exigências do “espírito do tempo” quando, para garantir o seu emprego e sucesso, recorre ao sucesso do Führer na literatura e no cinema: “ele sabe que o sucesso além de não ser dele não depende dele para acontecer”, dissera o Führer sobre Sensenbrink.

E com todo o apoio material, imoral e antiético do “poder invisível”, o “espírito do tempo” se sente completamente à vontade para dirigir o espetáculo da política e a política do espetáculo. E não somente na Alemanha. Esse “espírito do tempo” está de volta até mesmo em sociedades como a estadunidense, que muita gente que se pretende séria reputa como a grande sociedade democrática, porquanto ela soube equilibrar as “regras do jogo” e garantir àquelas liberdades pensadas pelos liberais há mais de duzentos anos. Porém, os defensores do modelo de democracia estadunidense se esquecem de que até bem pouco tempo, anos 1960, um negro tinha, por lei, portanto por norma sancionada, de ceder seu espaço na calçada ou nos ônibus para um branco, e que a Klux Klux Klan atua desde sempre liberalmente às claras defendendo a superioridade do homem branco sobre negros e outras etnias. Grande democracia! – talvez seja mesmo, se nos ativermos somente às “regras do jogo”, aos procedimentos eleitorais, como quer Norberto Bobbio em sua “definição mínima de democracia”. Esquecem-se também de que Donald Trump fez a sua campanha e foi eleito presidente dos Estados Unidos com um discurso assentado no ódio e na violência (com a ajuda do “poder invisível” da Cambridge Analytica e das ideias de Steve Bannon) contra os “impuros” latinos e contra os “terroristas” do oriente Médio e contra os “inimigos” econômicos (China) dos EUA. O mesmo podemos dizer de Jair Bolsonaro no Brasil e

outros líderes mundiais na Europa. No caso do Brasil esse discurso de ódio se torna até mais sério, haja vista que o “inimigo” a ser combatido pelo “espírito do tempo” de mais de trezentos anos de escravidão é o próprio projeto de inclusão social reclamado por todos (pelo menos aparentemente a classe média sempre se mostra indignada com os níveis de miséria e de corrupção na esfera estatal), isto é, “aquelas promessas não cumpridas” pela democracia que os governos de esquerda estavam fazendo uma tentativa de cumpri-las para substituir as relações sociais assimétricas herdadas da Casa Grande.

Por toda parte vemos a universalidade desse “espírito do tempo”, movido pelo “poder invisível” a partir dos bastidores, e manifesto em discursos de ódio e de exclusão do “outro”, negando a política como espaço privilegiado do debate e do consenso e os partidos como mediadores e representantes dos interesses. Mas esse discurso de ódio e de violência do “espírito do tempo” que retorna à cena, é sempre propagandeado pelo próprio “espírito” e/ou pelo “poder invisível” como “nada para ser levado a sério”, “no máximo são brincadeiras de mau gosto e ele já pediu desculpas”, “Isso é exagero da oposição”..... “O de que eles (todos os que se opõem ao projeto do “espírito do tempo” e do “poder invisível”) têm medo é de que vençamos as eleições e empoderemos você, cidadão de bem”!

Em tais circunstâncias, todos os que são chamados à reflexão por suas incongruências e idiossincrasias fora de tempo e de lugar, respondem com tapas na cara de quem ousa se dar ao exercício do pensamento e da crítica. Foi o que fez Bellini quando seu companheiro de trabalho a tachou de “gananciosa” por não querer ver que os comentários elogiosos na crítica de jornais e revistas com o sucesso do programa só era possível porque “é um bando de idiotas que escreve aquilo. Eles têm medo de parar para ler o que escrevem”. E por aqui no Brasil o que podemos dizer de Olavo de Carvalho que encanta muita gente que se pretende culta porque “formada” com suas verborragias insossas, repletas de mau-caratismo e grosserias?

Ou pode também acontecer de o crítico da estupidez congênita ser qualificado como louco e ser jogado no hospício, como sucedeu ao Sawaski que, na dúvida se se tratava de representação caricatural ou de realidade

recorrente, foi investigar o aparecimento do Führer e percebeu o engano em que ele e todos os outros estavam enredados. Mas aí já era tarde. O “espírito do tempo” estava de volta e revigorado, senhor de si e dos outros que o abraçaram sem titubear.

Nisso podemos constatar que a história está pronta para se repetir, mas dessa vez não como farsa, é como tragédia mesmo!

“Tivemos setenta anos para digerir a nossa história, as crianças estão cansadas de aprender sobre o III Reich. Está na hora de parar de subestimar as pessoas” – disse Bellini aos repórteres enquanto ela e o Führer davam autógrafos nos livros autobiográficos que são vendidos aos borbotões. Mas Bellini está errada. Pelo que vimos de jovens reverenciar o “espírito do tempo”, as crianças não aprenderam nada sobre o III Reich!

Para Bellini, ninguém mais estava interessado em verdades ou mentiras, o fato era que “o espírito do tempo”, de novos tempos, estava de volta. E com ele, os lucros e o sucesso pessoal – como cineasta e como escritora.

E o resultado da união entre cegueira intelectual, ganância e oportunismo é o triunfo, a vitória do Führer, do “espírito do tempo” desfilando em carro aberto ao lado de sua “Goebbels” Bellini, acenando para a multidão de “cidadãos mal-educados”, analfabetos políticos que, com raras negatividades, respondem positivamente à saudação nazista do “espírito daquele tempo” que o “poder invisível” traz de volta sempre que lhe é de seu interesse.

Como a senhora Krömeier, precisamos nos levantar contra esse “espírito do tempo” que teima em voltar e viver entre nós!

Bibliografia:

ARENDDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal. Lumen, 2004.

ELE ESTÁ DE VOLTA. Direção de David Wnendt. Alemanha: Constantin Film, 2016. 1 DVD (116 min.).

BOBBIO, Norberto. O Futuro da democracia – uma defesa das regras do jogo. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.